

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DA DESVIÂNCIA

Violência sexual no desporto: Uma revisão sistemática

Cláudia Rodrigues

M

2022



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação

VIOLÊNCIA SEXUAL NO DESPORTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Cláudia Rodrigues

outubro, 2022

Dissertação apresentada no Mestrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora
Doutora Joana Carvalho (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A concretização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas, por isso não poderia deixar de expressar o meu profundo agradecimento a todos os que contribuíram e acompanharam o meu percurso. Em primeiro lugar quero agradecer à instituição que me acolher e a todos os docentes que tive o prazer de conhecer durante o meu percurso académico. Em especial à minha orientadora, Professora Doutora Joana Carvalho, que permitiu que este trabalho se concretizasse, pois sem ela não teria sido possível. Quero agradecer por toda a dedicação, motivação, paciência que sempre teve comigo, pelo rigor científico que sempre teve. Mas acima de tudo quero agradecer pela orientação exímia que me foi oferecida.

Ao meu irmão, ao Emanuel, à Ana, à Beatriz e à Benedita por sempre me terem apoiado e acreditarem em mim. Por me ajudarem a concretizar todos os meus objetivos e pela fonte de motivação e inspiração que são na minha vida.

À minha família por todo o apoio e motivação que me deram.

À minha mãe que sempre acreditou em mim e por isso, nunca permitiu que eu desistisse, que sempre esteve presente em todas as minhas experiências académicas e que possibilitou a realização deste meu grande objetivo. Obrigada por seres a minha maior fonte de admiração e por seres o meu porto abrigo.

À minha avó Rosa por ter-me ensinado o valor que a formação académica tem, sem ela nunca teria iniciado esta aventura.

Resumo

Desde a década de 90 que a violência sexual no contexto desportivo tem vindo a ganhar destaque. O objetivo deste estudo foi averiguar, a partir de uma revisão sistemática da literatura, a prevalência da violência sexual no contexto desportivo, compreender como o relacionamento que o treinador estabelece com o atleta pode facilitar a ocorrência desta, em que moldes ocorre a violência sexual e determinar quais são os fatores de risco e as consequências associadas à violência sexual no desporto. Os resultados demonstraram que a prevalência da violência sexual variou entre 0% e 72%. Estas ofensas são maioritariamente perpetradas pelos colegas de equipa e as vítimas são na sua maioria do género feminino. Além disso a violência sexual afeta significativamente o bem-estar psicológico, emocional e físico dos atletas. Por fim, os fatores de risco são intrínsecos aos atletas, aos treinadores e ao desporto. Apesar das limitações enunciadas, espera-se que estes dados forneçam informação para delimitar estratégias de prevenção e iniciativas educativas específicas para o contexto desportivo.

Palavras-Chave: Violência sexual, Desporto, Atleta, Treinador

Abstract

Since the 1990s, sexual violence in the sports context has gained prominence. The study of this study was to investigate, from a systematic review of the literature, the prevalence of sexual violence in the sports context, as the relationship that the coach establishes with the athlete can facilitate the occurrence of this, in which sexual violence occurs and determine the risk factors and consequences associated with sexual violence in sport. The results of sexual violence range between 0% and 72%. These offenses are mostly perpetrated by teammates and the victims are mostly female. In addition, sexual violence significantly affects the psychological, emotional and physical well-being of athletes. Finally, risk factors are intrinsic to athletes, coaches and sport. Despite the statements of the sports context, it is expected that they provide information to delimit prevention methods and educational strategies.

Keywords: Sexual violence, Sport, Athlete, Coach

Resumé

Depuis les années 1990, la violence sexuelle dans le contexte sportif a pris de l'importance. L'étude de cette étude était d'enquêter, à partir d'une revue systématique de la littérature, la prévalence de la violence sexuelle dans le contexte sportif, car la relation que l'entraîneur établit avec l'athlète peut faciliter la survenue de celle-ci, dans laquelle la violence sexuelle se produit et déterminer les facteurs de risque et les conséquences associés à la violence sexuelle dans le sport. Les résultats de la violence sexuelle varient entre 0% et 72%. Ces infractions sont majoritairement perpétrées par des coéquipiers et les victimes sont majoritairement des femmes. De plus, la violence sexuelle affecte considérablement le bien-être psychologique, émotionnel et physique des athlètes. Enfin, les facteurs de risque sont intrinsèques aux athlètes, aux entraîneurs et au sport. Malgré les déclarations du contexte sportif, on s'attend à ce qu'elles apportent des informations pour délimiter les méthodes de prévention et les stratégies éducatives.

Mots-clés : Violence sexuelle, Sport, Athlète, Entraîneur

Índice

ÍNDICE DE TABELAS.....	IX
INTRODUÇÃO	10
1. MÉTODO	15
1.1. ESTRATÉGIA DE PROCURA.....	15
1.2. CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE	15
1.3. SELEÇÃO DE ESTUDOS.....	15
2. RESULTADOS	17
2.1. PREVALÊNCIA DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO DESPORTO.....	29
2.1.1. <i>Diferenças de género</i>	30
2.1.2. <i>Ofensores</i>	30
2.1.3. <i>Violência sexual no contexto desportivo vs. Violência sexual fora do contexto desportivo</i>	31
2.1.4. <i>Nível competitivo</i>	31
2.2. RELAÇÃO TREINADOR-ATLETA	32
2.3. CONTEXTO DOS EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL	32
2.4. FATORES DE RISCO ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA SEXUAL NO DESPORTO.....	33
2.5. CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO DESPORTO	33
3. DISCUSSÃO	34
LIMITAÇÕES	40
4. CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS.....	52
ANEXO A – AVALIAÇÃO DO VIÉS DE QUALIDADE DOS DESENHOS DE PESQUISA ATRAVÉS DO MMAT.....	53

Índice de tabelas

Tabela 1 – Artigos que estudam a violência sexual no contexto desportivo incluídos na atual revisão.....	19
Tabela 2 – <i>Viés de qualidade dos estudos qualitativos</i>	53
Tabela 3 – <i>Viés de qualidade dos estudos mistos</i>	53
Tabela 4 – <i>Viés de qualidade dos estudos quantitativos descritivos</i>	53
Tabela 5 – <i>Viés de qualidade dos estudos quantitativos não randomizados</i>	54

Índice de Figuras

Figura 1 – PRISMA Flowchart (Moher et al., 2009), Fluxo de informação das diferentes fases da Revisão Sistemática	18
---	----

Introdução

Na atualidade, o desporto é uma atividade crucial para os indivíduos e por isso, assume um papel de relevo na saúde e na educação e na cultura, bem como a nível social e económico (Brackenridge & Rhind, 2014; Serrado, 2014). O desporto organiza-se em diferentes níveis, como o desporto recreativo e de lazer, o desporto de elite ou o desporto olímpico (Brackenridge & Rhind, 2014).

Porém a prática de desporto tem também uma faceta menos discutida, com implicações significativas no bem-estar e no progresso dos atletas, como é o caso da violência sexual, demonstrando que esta ocorre em qualquer contexto social, inclusive nos diferentes contextos desportivos (Fasting, 2005; Fasting, Brackenridge & Walseth, 2002; Fasting, Chroni, Hervik et al., 2011; Hagiwara et al. 2019). Tendo em consideração a importância que o desporto assume nos dias que decorrem, os atletas envolvidos correm risco de assédio sexual (SS & SS 2015). Apesar disso, os estudos sobre a violência sexual só ganharam um pouco de destaque a partir dos anos 90 (Fasting, 2005; Fasting, Brackenridge & Sundgot-Borgen, 2003; Fasting et al., 2002).

Entende-se por violência sexual cometida no contexto desportivo, aquela que é perpetrada por um indivíduo que pertence a uma organização desportiva, competição ou treino como um atleta ou um treinador. Por sua vez a violência sexual que ocorre em contextos exteriores ao desporto, é aquela que é perpetrada por um indivíduo que não está ligado a eventos desportivos, como um amigo, um familiar ou um estranho (Fasting et al., 2010).

No que respeita a definições, é importante salientar que a violência sexual é um conceito genérico que abrange o assédio sexual e o abuso sexual (Parent & Fortier, 2017). Posto isto a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), caracteriza a violência sexual como uma conduta não desejada, que pode ir de um comentário, interação sexual, ou tentativa de contacto sexual indesejado (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV^a]). Alguns exemplos destes comportamentos são: toques genitais e íntimos não desejados, a vítima tocar nos órgãos genitais de outras pessoas também sem o desejar, forçar a vítima a envolver-se ou a assistir a conteúdo sexual como fotografias, obrigar a vítima a fazer trabalhos sexuais, penetração vaginal, anal, oral, recorrendo a objetos, ao

pénis ou a outras partes do corpo, ou ser forçado a praticar estes comportamentos com outro indivíduo (APAV^a).

Quando estes atos ocorrem contra uma criança (idade inferior a 14 anos) configura crime, independentemente de o menor consentir ou não as práticas sexuais (APAV^a). Nos casos em que o jovem tem entre 14 e 17 anos de idade, estes comportamentos também podem ser considerados crime quando são perpetrados por alguma figura de autoridade em relação ao jovem, ou quando o indivíduo com idade superior abusa da inexperiência da vítima (APAV^a).

Brackenridge e colaboradores (2008), referem-se ao abuso sexual como um fenómeno complexo, e conceptualizam o abuso como comportamentos violentos e forçados que tanto podem envolver penetração, como não. Para além disso, os ofensores sexuais podem ter diversas orientações sexuais, bem como preferência por determinada faixa etária (Brackenridge, et al., 2008). Gama (2019), reforça que o abuso sexual acontece quando o ofensor ignora a vontade da vítima, seja através do aliciamento ou da indução e coloca em prática a conduta sexual, tirando proveito da sua posição de superioridade. Consequentemente, as vítimas sofrem danos sexuais, físicos e psicológicos (Gama, 2019).

Por sua vez, o assédio sexual é uma conduta de índole sexual não desejada, hostil, forçosa e/ou agressiva, que é experimentado também com essa conotação invasiva, indesejada e hostil (Gama, 2019; Nery & Neto). Contrapondo-se, assim, ao namoriscar que é algo prazeroso (Nery & Neto). Comentários, comportamentos ou gestos, considerados ofensivos, ameaçadores, hostis, humilhantes, maldosos ou degradantes praticados contra um indivíduo ou um grupo de indivíduos, são práticas que comportam o assédio sexual. Estas condutas geram ambientes desconfortáveis e inseguros (Kirby & Wintrup, 2002).

Os comportamentos sexuais violentos são conhecidos por retirar às vítimas o direito de tomar as suas decisões de forma livre e consciente no que respeita à sua vida sexual, e por esse motivo estão registados no Código Penal (CP) no capítulo V (APAV^b; Balias et al., 2012). Apesar de existir uma grande variedade destes crimes, nesta revisão sistemática apenas serão discutidas algumas formas de violência sexual, nomeadamente, aquelas que se sobrepõem à literatura internacional.

A violência sexual no desporto pode ocorrer em qualquer nível competitivo (Fasting, Brackenridge & Walseth, 2002; Fasting, Brackenridge & Sundgot-Borgen,

2003; Fasting, 2005; Fasting, Chroni, Hervik et al., 2011; Marks et al., 2012). Em contrapartida, Marks e colaboradores (2012) relataram que o desporto de elite é o nível onde se regista maior prevalência de violência sexual, e acrescentam que o risco da mesma aumenta à medida que o atleta evolui. Para além disso, este tipo de ofensas pode ser perpetrado quer pelos treinadores, por outros atletas, dirigentes do clube, ou qualquer outra pessoa que tenha contacto com o desportista (Brackenridge, 1997; Fasting, Brackenridge & Sundgot-Borgen, 2003; Nery & Neto, 2018).

Estes comportamentos sexualmente ofensivos desenvolvem-se num *continuum* de violência sexual, e iniciam-se com ações simples, como por exemplo oferecendo boleia para casa, e vai escalando até chegar ao assédio sexual e até à agressão sexual, através de ameaça e da atribuição ou retirada de privilégios (Auweele et al. 2008; Brackenridge, 1997). Embora o assédio sexual e o abuso sexual sejam mais frequentes nas atletas do género feminino, estas condutas também acontecem aos atletas do género masculino (Fasting, Brackenridge & Walseth, 2007; Nery & Neto, 2018). Por outro lado, os ofensores tendem a ser do género masculino, mas não excluem as ofensoras do género feminino (Fasting, Brackenridge & Walseth, 2007; Nery & Neto, 2018).

Ao longo dos anos tem-se vindo a assistir a um aumento do relato de casos de abuso sexual e de assédio sexual; ainda assim existem muitos casos por revelar (Nery & Neto, 2018). O medo de retaliações e a vergonha são motivos que podem justificar o baixo número de denúncias, assim como a desistência prematura dos desportistas, o que naturalmente impede o registo e investigação destes casos (Nery & Neto, 2018). Para além disso, o desporto é essencialmente reconhecido pelos seus benefícios (Brackenridge, 1997), remetendo-se para um segundo plano questões de violência. Por último, a normalização destas condutas é outra explicação plausível (Nery & Neto, 2018).

Tendo em conta a abrangência deste fenómeno, é crucial que todos os indivíduos que se relacionam com os atletas tenham conhecimento dos fatores de risco e das consequências da violência sexual (Marks, et al. 2012). Para além disso, é necessário ter em consideração que fatores como o género, a cultura e a idade instigam a compreensão que os indivíduos têm sobre o assédio sexual e quais as condutas que o caracterizam (Auweele, et al., 2008; Comité Olímpico Internacional cit in SS & SS, 2015). Por fim, é importante salientar que a vivência de assédio sexual afeta a saúde psicológica e física, assim como o desempenho dos desportistas e em alguns casos, conduz ao abandono da prática desportiva (Hagiwara et al. 2019; SS & SS, 2015).

Ao abordar a violência sexual no desporto não é possível ignorar a relação treinador-atleta, dado que é a relação mais importante do mundo do desporto (Ahmed et al., 2018; Nery & Neto, 2018). O relacionamento entre o treinador e o atleta para além de ser importante, tem um impacto direto na performance do atleta, pois o treinador tem as ferramentas necessárias para apoiar, motivar e assegurar o seu bem-estar (Ahmed, et al., 2018; Nery & Neto, 2018). Embora, esta relação possa ser usada de forma favorável para o atleta, quando o treinador visa tirar proveito da sua posição de poder podem surgir casos de abuso e/ou assédio sexual (Nery & Neto, 2018).

No entanto, os treinadores não atuam sozinhos, a cultura desportiva compactua com o abuso de poder dos treinadores, ao permitir ambientes facilitadores para a perpetração dos abusos, não os reconhecendo como sendo situações abusivas, contrariamente aos restantes contextos sociais (Nery & Neto, 2018). Acentuando desta forma, a dificuldade que a comunidade desportiva tem em falar sobre a violência sexual no contexto desportivo e em especial, a admitir que ela ocorre neste contexto (Brackenridge, 1997).

Não obstante em Portugal e no Reino Unido exista a obrigação de reportar os casos de violência sexual, mesmo no desporto, esta não é uma realidade presente em todos os países (Gama, 2019). A falta de formação da comunidade desportiva, em especial dos treinadores e os atletas, ou de códigos de ética e conduta no contexto desportivo, são muitas vezes apontados como facilitadores de violência sexual (Baker III et al., 2010; Bjørnseth, & Szabo, 2018; Fasting, Chroni, & Knorre, 2014; Fasting, & Sand, 2015; Johansson et al., 2016; Pépin-Gagné, & Parent, 2016). No caso do abuso infantil no desporto, assiste-se a uma permanente preocupação com a falta ou ineficiência de leis e de medidas de prevenção e proteção infantil, quer sobre o abuso sexual, como outras formas de maus-tratos ou negligência (Brackenridge, Bringer & Bishopp, 2005; Brackenridge, Bringer, Cockburn et al., 2004).

Portugal destaca-se dos demais países por estabelecer na legislação que qualquer pessoa que desempenhe funções com crianças e jovens menores de idade, tem de disponibilizar o seu registo criminal à entidade recrutadora, cumprindo com as medidas de proteção de menores definidas pela Convenção do Conselho da Europa contra a Exploração Sexual e o Abuso Sexual de Crianças (Diário da República, 2009). Este procedimento aplica-se quer a profissionais como a voluntários (Diário da República, 2009).

Ainda que, nos últimos 30 anos a pesquisa sobre a violência sexual no desporto tenha vindo a aumentar, ainda não existe evidência suficiente e devidamente organizada sobre este fenómeno. A presente revisão sistemática pretende compilar num só artigo a informação existente sobre a violência sexual no desporto, sobretudo com foco nas questões de prevalência, caracterização das vítimas e ofensores, e respetivos fatores de risco. Assim sendo, a realização deste estudo tentará responder às seguintes questões:

- i. Qual a prevalência da violência sexual no desporto?
- ii. Em que medida pode a relação treinador-atleta facilitar a ocorrência de violência sexual no desporto?
- iii. Em que moldes ocorrem os episódios de violência sexual?
- iv. Quais são os fatores de risco associados à violência sexual no desporto?

1. Método

A realização desta revisão sistemática segue as diretrizes do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman & PRISMA, 2009).

1.1. Estratégia de Procura

A revisão sistemática visa fazer uma atualização da informação existente sobre a violência sexual no contexto desportivo, e a investigação irá incidir sob os artigos publicados até 31 de dezembro de 2021. A pesquisa de artigos foi realizada nas plataformas da Web Of Science Group, PubMed, Science Direct e SAGE Journals. Adicionalmente recorreu-se à bibliografia dos artigos selecionados para salvaguardar uma maior cobertura de artigos. Os termos de pesquisa que se seguem foram conjugados na pesquisa eletrónica: “sport” OR “sexual assault” OR “sexual abuse” OR “sexual harassment” OR “sexual violence” OR “rape” OR “elite athletes” OR “elite sport”.

1.2. Critérios de elegibilidade

A realização da presente revisão sistemática incluiu artigos de investigação original, entre os quais, estudos, transversais, estudos retrospectivos e estudos de caso. Todos os artigos incluídos foram de língua inglesa. A população dos estudos incluiu indivíduos de ambos os géneros, de todas as idades e com participação desportiva em qualquer nível competitivo. Os estudos que incidem sob os atletas e sob os treinadores também foram incluídos. Os estudos que não cumprem estes critérios serão excluídos, nomeadamente, outras revisões sistemáticas ou estudos que não publicados em língua inglesa.

1.3. Seleção de estudos

Após a primeira triagem realizada pela primeira autora, a autora sénior deste trabalho realizou a triagem final, de forma a seleccionar quais os artigos que cumprem os critérios de rigor necessários para a realização da pesquisa. Os casos dúbios foram revistos pela autora sénior. A seleção inicial dos artigos foi realizada com base no nome, palavras-chave e resumo do artigo; quando terminada esta fase, a autora removeu os artigos duplicados e aplicou critérios de inclusão e de exclusão, listando todos os artigos seleccionados numa folha de Excel. De seguida, a autora enviou a lista final à autora sénior para se proceder à triagem final. Os artigos seleccionados foram descritos na secção dos resultados através de uma tabela que irá fornecer informação sobre o(s) nome do(s) autor(es), ano de publicação, país, amostra, instrumentos e resultados.

Para a avaliação de qualidade relativamente aos artigos seleccionados, foi utilizado o instrumento Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT). O MMAT é uma ferramenta que tem como objetivo apreciar os estudos incluídos em revisões sistemáticas, incluindo aqueles de metodologia quantitativa e qualitativa. O desenho dos estudos teve uma pontuação de viés de boa qualidade (ver anexos A).

2. Resultados

Foram identificados um total de 329 artigos, entre os quais, 201 artigos repetidos. Estes foram posteriormente eliminados, tendo ficado 128 artigos. Em seguida, a autora leu o título e o resumo dos restantes artigos para proceder à aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, resultando na exclusão de 71 artigos. Os casos dúbios foram revistos pela co-autora sénior, para decisão de inclusão vs. exclusão dos artigos, levando à exclusão de 25 artigos. No final, foram incluídos 23 artigos. Importa mencionar, que dos 329 artigos, nove foram selecionados numa fase posterior, devido à consulta das referências bibliográfica de outras revisões de literatura e/ou sistemática sobre a temática a estudar. A figura 1 ilustra cada etapa do processo.

A presente revisão incluiu 16 artigos de estudos quantitativos, quatro artigos de estudos qualitativos e três artigos de metodologia mista, cujos conteúdos se organizam nas seguintes temáticas, em linha com as questões de investigação: 2.1.) prevalência da violência sexual no desporto, 2.2.) relação treinador-atleta, 2.3) ocorrência dos episódios de violência sexual no contexto desportivo, 2.4.) fatores de risco associados à violência sexual e 2.5.) consequências da violência sexual em contexto desportivo. Dos artigos selecionados, oito artigos a atletas de elite, cinco recorreram a atletas-estudantes, seis usaram uma amostra de atletas de desporto organizado/formal e um recorreu a uma amostra mista (elite e organizado).

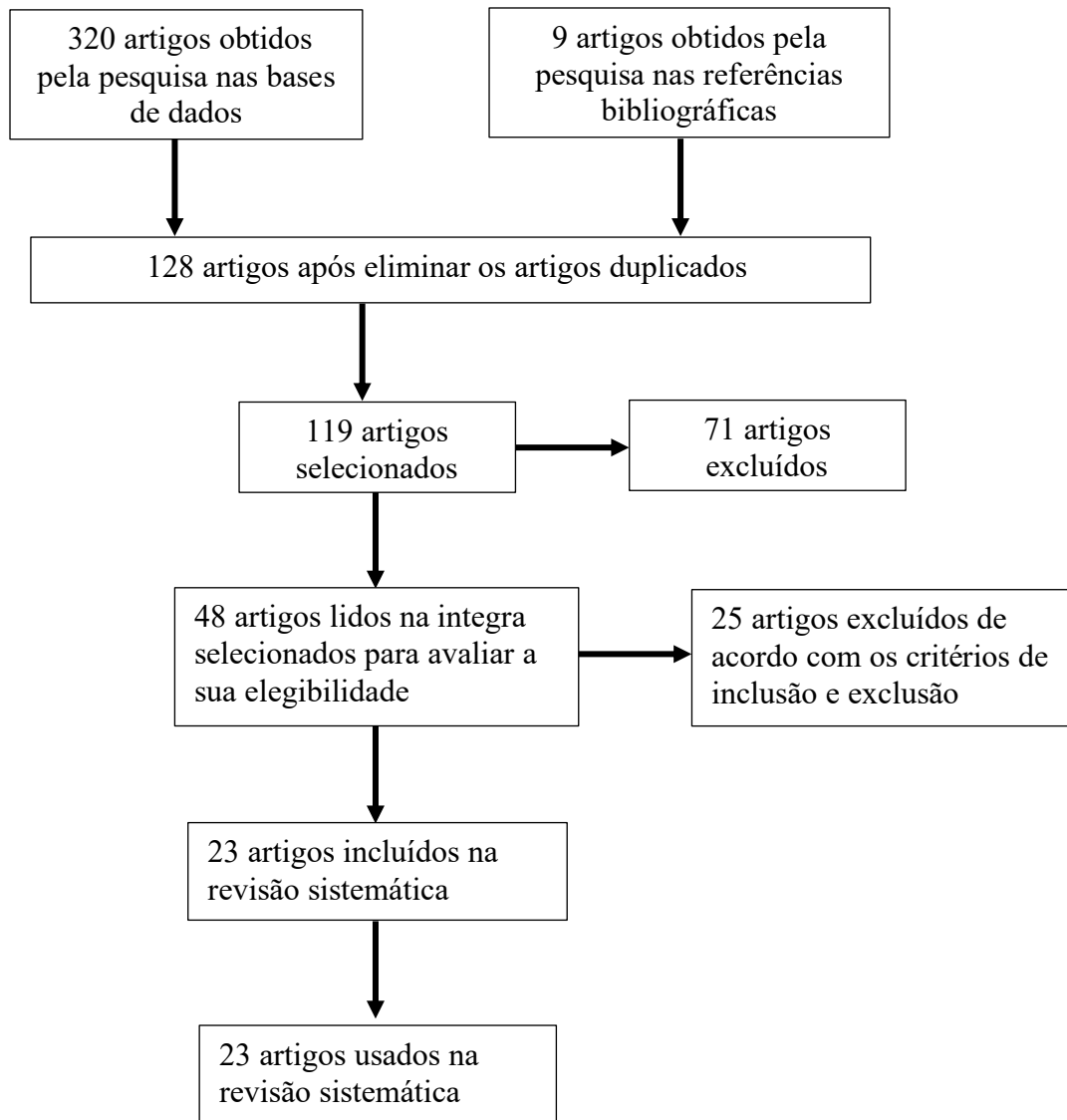


Figura 1: PRISMA Flowchart (Moher et al., 2009), Fluxo de informação das diferentes fases da Revisão Sistemática.

Tabela 1

Artigos que estudam a violência sexual no contexto desportivo incluídos na atual revisão

Ano	Autor/ets	País	Amostra	Instrumentos	Nível Competitivo	Desenho da Pesquisa	Resultados
2002	Fasting et al.,	Noruega	n= 25	Entrevistas semiestruturadas	Elite e Clube	Qualitativo	Consequência negativas: baixa-autoestima, alterações no comportamento em geral, em relação ao treinador e em relação aos homens, baixa concentração quando estão perto do ofensor, raiva, irritação, confusão, ansiedade, medo de boatos, abandono do desporto, mudança de modalidade, prejuízos no relacionamento com o treinador e construção de uma visão negativa que atualmente têm acerca dos homens.
2002	Leahy et al.,	Austrália	n= 370	Questionário e Entrevista	Elite e Clube	Misto	26,8% dos atletas foram vítimas de abuso sexual no decorrer das suas vidas; 41,5% das atletas do género feminino revelaram que foram alvo de abusos sexuais no contexto desportivo; 29% dos atletas do género masculino revelaram que foram alvo de abusos sexuais no contexto desportivo; 46,4% dos atletas de elite referiram que foram alvo de abusos sexuais perpetrado por um profissional inserido na comunidade desportiva; 69,9% dos atletas de elite revelaram que foram alvo de abusos sexuais fora do desporto; 25,6% dos atletas de clubes relataram que foram alvo de abusos sexuais cometidos por profissionais do desporto; 79,1% dos atletas de clube relataram que foram alvo de abusos sexuais fora do contexto desportivo;

2003	Fasting et al.,	Noruega	n= 1.069	Questionário – lista de 11 Items Descritivos do Assédio Sexual das definições de Brackenridge (1997)	Elite	Quantitativo	45% das atletas de elite experienciou situações de abuso e assédio sexual e 47% dos participantes do grupo de controlo também experienciaram situações de abuso e assédio sexual; 55% das atletas relatou experiências de abuso e assédio sexual no desporto e 48% do grupo de controlo relatou experiências de abuso e assédio sexual no trabalho e na escola; 78% das atletas relatou experiências de assédio e abuso sexual fora do contexto desportivo e 89% do grupo de controlo relatou experiências de assédio e abuso sexual fora do contexto escolar e laboral; 37% das atletas e do grupo de controlo foram alvo de abuso e assédio sexual cometidos por colegas do género masculino; 28% dos atletas relataram que foram alvo de abuso e assédio sexual no desporto cometido por uma figura de autoridade no desporto e 16% do grupo de controlo foi alvo de abuso e assédio sexual no trabalho ou nos locais de trabalho cometido por uma figura de autoridade.
2004	Fasting et al.,	Noruega	n= 553	Questionário – lista de 11 Items Descritivos do Assédio Sexual das definições de Brackenridge (1997).	Elite	Quantitativo	Não existe diferenças na prevalência do assédio sexual nas modalidades, no tipo de roupa e no tipo de desporto; 51% dos atletas sofreram mais do que uma forma de assédio sexual; 39% das atletas sofreram assédio sexual num ambiente não desportivo; 28% das atletas foram vítimas de assédio sexual no contexto desportivo; 15% da amostra total foi vítima de assédio sexual por parte de uma figura

							de autoridade no desporto; 19% das atletas revelaram que foram alvos de abusos sexuais por outros atletas.
2010	Fasting et al.,	Noruega	n= 595	Questionário – lista de 11 Items Descritivos do Assédio Sexual das definições de Brackenridge (1997).	Elite, não elite e praticantes de desporto.	Quantitativo	72% das atletas já foi vítima de assédio sexual; 58,3% das atletas revelaram que foram alvo de assédio sexual fora do desporto; 44,9% das atletas foi vítima de assédio sexual no desporto; no contexto desportivo: 55,2% das atletas de elite relataram ter sido alvo de assédio sexual, 43,9% das atletas de nível não elite relataram ter sido alvo de assédio sexual e 29,7% das praticantes de exercício físico relataram que foram alvo de assédio sexual; fora do desporto: 73% das praticantes de desporto foram sexualmente assediadas, 54% das atletas de elite revelaram que foram alvo de assédio sexual e 53% das atletas de nível não elite foram alvo de assédio sexual.
2011	Fasting et al.,	República-Checa, Grécia e Noruega	n= 616	Questionário sobre os contactos físicos indesejados, olhares repetidos, comentários, piadas e/ou provocações sexualmente sugestivas indesejadas, ridiculização acerca da performance desportiva	Atletas-Estudantes	Quantitativo	37% das estudantes relataram ter sido vítimas de assédio sexual perpetrado por alguém dentro do desporto; 34% dos ofensores são do género masculino e 12% são do género feminino; 44% das atletas são gregas, 42% são atletas checas e 24% das atletas são norueguesas
2011	Parent et al.,	Canadá	n= 27	Entrevistas semiestruturadas	Organizado	Qualitativo	A gestão e a prevenção dos abusos sexuais no desporto podem ser influenciadas por três fatores, nomeadamente: a visão negativa da prevenção, a falta de

							<p>liderança, competência e recursos e a existência de casos de abuso sexual. A falta de formação sobre o abuso sexual também influencia a prevenção de casos de abuso sexual. As organizações desportivas não definiram de forma clara e formal os limites, além disso não existem regras escritas sobre os comportamentos a adotar nos vestiários, balneários, viagens, a partilha de quartos de hotel entre outras. Além disso, os códigos de conduta nestas instituições são escassos, não exigem a assinatura dos treinadores nem existe nenhuma ação disciplinar definida. Uma organização mencionou que tinha um regulamento escrito onde os relacionamentos amorosos e sexuais entre os treinadores e os atletas são proibidos. Duas das federações desportivas dispunham de uma política contra o abuso sexual aos funcionários, mas que excluía os treinadores. Todos os dirigentes desportivos que participaram no estudo revelaram que estas políticas além de serem complexas e pouco aplicáveis na prática, se sentem preparados para geri-las e aplicá-las.</p>
2011	Sand et al.,	República-Checa, Grécia e Noruega	n= 399	Questionário	Atletas-Estudantes	Quantitativo	<p>A prevalência para a perpetuação de assédio sexual por parte de um treinador do género masculino foi de 20%; a prevalência para a perpetuação de assédio sexual por parte de um treinador do género feminino foi de 6%; 32% dos participantes que experienciaram comportamentos autoritários por parte de</p>

							um treinador do género masculino foi vítima de assédio sexual; 18% das participantes vivenciaram situações de assédio sexual mencionaram que os treinadores não adotaram comportamentos autoritários; 25% das participantes revelaram que foram alvo de assédio sexual por parte de uma treinadora do género feminino com comportamentos autoritários.
2015	Fasting et al.,	Noruega	n= 2	Entrevistas semiestruturadas	Atletas-Estudantes	Qualitativo	Em ambos os casos o ofensor foi um treinador mais velho do género masculino. Nenhuma das atletas apresentou uma queixa formal ou contou aos pais. Uma das atletas teve o apoio e a proteção dos colegas de equipa o que ajudou a travar os avanços do treinador. A outra atleta revelou que na época dos abusos achava que estava apaixonada pelo treinador. Os abusos e/ou as tentativas ocorreram quando o treinador oferecia boleia às atletas para casa depois dos treinos, nas decolações para as competições, especialmente fora da área de residência, a ausência de outros adultos responsáveis e/ou pais, sobreposição de papéis do treinador na vida do atleta. As atletas revelaram que recebiam bastante atenção do treinador e que na altura em que o assédio sexual ocorreu não sabiam como agir, e só reconheceram que foram vítimas de assédio sexual uns anos mais tarde. As atletas mencionaram que a vivência destes abusos alterou negativamente os seus relacionamentos com os treinadores. Uma

							das atletas reconheceu que os provavelmente algumas colegas de equipa passaram por situações semelhantes à sua. O relacionamento abusivo avançou de forma gradual, iniciou-se com as boleias nos trajetos casa-treinos, com mensagens e conversas mais íntimas, toque constante, passando depois aos beijos e carícias.
2015	SS & SS	Indonésia	n= 80	Questionário demográfico e entrevistas grupais.	Organizado	Misto	10% dos participantes relatam ter experienciado assédio sexual; 27% dos participantes conhecem alguém que experienciou assédio sexual; 24% dos participantes agiram quando tomaram conhecimento de uma situação de assédio sexual; 82% dos participantes consideram o agressor geralmente é do sexo masculino, é um atleta, treinador ou dirigente desportivo.
2016	Parent et al.,	Canadá	n= 6.450	Questionário Sociodemográfico; 3 Questões do Questionário de Experiências Sexuais; Questionário sobre o Abuso Sexual, Contactos Sexuais Percebidos como Consensuais por um Treinador e a Participação em Desportos Organizacionais.	Organizado	Quantitativo	Dos 236,09 atletas 8,8% relatou ter sido vítima de abuso sexual: 13,8% são atletas do género feminino e 3,2% são atletas do género masculino; 0,8% dos abusos sexuais são perpetuados por um treinador: 0,7% são do género feminino e 0,9% são do género masculino; 0,4% dos assédios sexuais são perpetuados pelos treinadores contra os atletas: 0,2% são raparigas e 0,7% são rapazes; os adolescentes não praticantes de desporto tem risco maior de 1.32 de serem abusados sexualmente do que os praticantes de desporto.
2016	Vertommen et al.,	Holanda e Bélgica	n= 4.043	Questionário Interpersonal Violence against	Organizado	Quantitativo	14% dos atletas relataram ter sido alvo de violência sexual; 5% violência sexual grave; as atletas da Bélgica

				Children in Sport (IViS).			relataram níveis de prevalência superiores para a violência física e sexual; a violência sexual foi mais relatada pelas atletas do gênero feminino; atletas de minorias étnicas, lésbicas/gays/bissexuais (LGB) e com deficiência, e aqueles que competem em nível internacional relatam significativamente mais experiências de violência interpessoal no desporto.
2017	Vertommen et al.,	Bélgica	n= 4.043	Questionário Online sobre dados sociodemográficos e sobre as experiências de violência interpessoal dos participantes na infância (14 itens sobre a violência psicológica, 10 itens sobre a violência física e 17 itens sobre a violência sexual); Avaliação da gravidade realizada por especialistas	Organizado	Quantitativo	56,4% dos atletas relatou que foi alvo de violência sexual perpetrada por mais do que um ofensor; 65,8% das ofensas sexuais foram cometidas por indivíduos do gênero masculino; os atletas são os ofensores mais frequentes, seguindo-se os treinadores e outras pessoas conhecidas; na violência física e sexual, o gênero do agressor e da vítima não tem influência na gravidade da violência perpetrada; quando as ofensas sexuais são cometidas pelo treinador ou por mais do que um ofensor, os episódios de violência são mais graves; foram criados 27 perfis de agressores.
2019	Murphy	EUA	n= 177	Relatórios de condenações por crimes sexuais entre 1987 e 2018		Quantitativo	Dos 177 treinadores condenados, 3 eram do gênero feminino. Foram encontradas 378 vítimas, das quais 8 eram pessoas em idade adulta. Cerca de 45% dos treinadores agrediu uma vítima, 55% dos treinadores agrediram pelo menos duas vítimas; 66% das vítimas são do gênero feminino e 34% são do gênero masculino; a preparação para os abusos em atletas menores de idade era

							realizada através de mensagens ou nas redes sociais; 30 dos treinadores condenados retomaram as suas atividades profissionais.
2019	Timpka et al.,	Suécia	n= 197	Questionário Online sobre dados sociodemográficos, atividades sexuais indesejadas e abuso físico (empurrar, atirar objetos, atacar fisicamente, queimar, etc.).	Elite	Quantitativo	11% dos atletas relataram violência sexual ao longo da sua vida; 3% atletas relataram ter sido vítimas de abuso sexual perpetrado dentro do contexto desportivo; ofensores: indivíduos de ambos os géneros, treinadores e colegas de equipa no final da adolescência; as atletas do género feminino que sofreram violência sexual e física, têm maior probabilidade de sofrer uma lesão desportiva.
2020	Çetin & Hacısof taoglu	Turquia	n= 39	Entrevistas semiestruturadas	Elite	Qualitativo	Os principais fatores que podem conduzir ao abuso infantil no desporto são: o tipo de relacionamento estabelecido no contexto desportivo, fatores sociológicos fora do campo desportivo, locais específicos do contexto desportivo e problemas relacionados com a proteção infantil na Turquia; assim como a dominação masculina no desporto, as relações de poder e hierárquicas estabelecidas entre o treinador e atleta, o desejo do atleta de ter sucesso, contacto excessivo, limites de contacto entre os treinadores e os atletas ambíguos, cultura patriarcal, comunicação deficitária entre os pais e os atletas e os vestuários.
2020	Lee et al.,	EUA	n= 6.504	Questionário e Center for Epidemiologic Studies-Depression Scale	Estudantes	Quantitativo	A violência sexual física que não foi fisicamente forçada não teve um efeito significativo na trajetória desportiva dos participantes do sexo masculino. A violência sexual não física forçada afetou significativamente

							a trajetória desportiva das participantes do sexo feminino.
2021	Bermon et al.,	Asia, Africa, América, Europa, e Oceânia	n= 480	Questionário Online.	Elite	Quantitativo	18% dos atletas foi vítima de violência sexual fora do desporto; 15% das atletas relatou ter sido vítima de violência sexual; 12% dos atletas do género masculino relataram que foram alvo de violência sexual e 7% das atletas do género feminino foram vítimas de violência sexual; os amigos e os treinadores foram os primeiros ofensores dentro do desporto
2021	Mathisen et al.,	Noruega	n= 270	Questionário eletrónico nas redes sociais (dados sociodemográficos e de experiências de assédio sexual); Beck Depression Inventory, Version 1ª (BDI-1ª); Hopkins Symptom Check List (SCL-10); Eating Disorder Examination Questionnaire (EDE-Q).		Quantitativo	30% das participantes do sexo feminino relataram experiências de assédio sexual, dos quais 44% são personal trainer, 25% são instrutores de grupo e 28% são instrutores e personal trainer ; 23% dos participantes relataram que foram alvo de assédio sexual verbal; 12% dos participantes experienciaram assédio sexual não verbal; 7% dos participantes vivenciaram situações de assédio sexual físico; os perpetradores são muitas das vezes os atletas; as participantes do género feminino que relataram ter sido vítimas de assédio sexual apresentaram sintomas depressivos, de ansiedade e de transtornos alimentares.
2021	Marsollier et al.,	Suíça	n= 210	Questionário Online.	Elite, Formal e Lazer	Quantitativo	28% dos atletas relatou que vivenciou episódios de violência sexual; ofensores: 52,2% são colegas de equipa, 34,8% são treinadores, 6,5% dos são líderes; não existe uma diferença significativa nos relatos de violência sexual em relação ao tipo de desporto praticado; 35,8% dos atletas do

							gênero masculino relataram ter sido vítimas de violência sexual e 17,4% das atletas do gênero feminino relataram ter sido alvo de violência sexual; 35,7% dos atletas vítimas de violência sexual pratica desportos ao ar live; 35,7% dos atletas competia no nível “cantonal” quando foi alvo de violência sexual e 35,5% dos atletas competia a nível regional.
2021	Ohlert et al.,	Alemanha, Bélgica e Holanda.	n= 1.665	Questionário Interpersonal Violence in Sport (IViS); Classificação da gravidade	Elite	Quantitativo	30,6% dos atletas relataram violência sexual; 10,2% dos atletas relataram violência sexual grave no desporto
2021	Timpka et al.,	Suécia	n= 192	Questionário Online	Elite	Quantitativo	A ideação suicida ao longo da vida foi associada a experiência de abuso sexual e menor senso de coerência (ou seja a menor capacidade de lidar com situações adversas vida); as lesões não desportivas nas atletas do gênero feminino foram associadas a experiência de abuso sexual; 10,4% dos atletas relataram ter sido alvo de abuso sexual; 2,6% dos atletas relataram ter sido vítimas de abuso sexual no desportivo; ofensores: treinadores do sexo masculino, outros adultos ou atletas.
2021	Vertommen et al.,	Bélgica	n= 15	STATIC-99R e STABLE-2007		Quantitativo	Existe um risco de reincidência de ofensa sexual baixo ou médio. Os participantes obtiveram valores elevados nos seguintes itens: vítimas não relacionadas e do sexo masculino, desvio sexual e ausência de relacionamento íntimo. Existem fatores de risco baixos, tais como: risco de reincidência sexual,

							ofensas violentas não sexuais, vítimas desconhecidas, hostilidade em relação às mulheres, falta de preocupação com os outros e má cooperação com os supervisores.
--	--	--	--	--	--	--	---

2.1. Prevalência da violência sexual no desporto

A análise da prevalência da violência sexual no desporto, neste artigo, será dividida em violência sexual, assédio sexual e abuso sexual. Serão ainda analisadas a prevalência de acordo com o género (das vítimas e dos ofensores), o nível competitivo e com o contexto. A prevalência da violência sexual varia entre 0% e 56.4% das amostras (Bermon et al., 2021 ; Fasting et al, 2003; Marsollier et al., 2021; Parent et al., 2016 ; Ohlert et al., 2021; Vertommen et al., 2016; Vertommen et al., 2017; Timpka et al., 2019).

Dois autores relataram uma prevalência de violência sexual severa¹ de 5% e de 10.2% (Ohlert et al., 2021; Vertommen et al., 2016). Além disso, considera-se que um adolescente que não pratica desporto tem um risco maior, de 1.32, de ser abusado sexualmente, do que um adolescente praticante de desporto (Parent et al., 2016).

Relativamente à prevalência do assédio sexual, foram incluídos seis artigos (Fasting et al., 2004; Fasting et al., 2010; Fasting et al., 2011; Mathisen et al., 2021; SS & SS, 2015; Sand et al., 2011). A prevalência varia entre 10% e 72% (Fasting et al., 2004; Fasting et al., 2010; Fasting et al., 2011; Mathisen et al., 2021; SS & SS, 2015; Sand et al., 2011). Os atletas mencionaram que foram alvo de diferentes formas de assédio sexual

¹ A classificação foi realizada através das pontuações sobre a frequência da violência interpessoal auto-relatada pelos participantes, e pela classificação de 28 especialistas em maus-tratos infantis (cada item foi classificado de 1 a 3 (baixo, médio e alto). Foi desenvolvida uma medida de gravidade geral para cada tipo de violência interpessoal relatada. A classificação para a violência interpessoal leve, abrange os itens de eventos isolados que são considerados de gravidade leve ou moderada. Por sua vez, a classificação de gravidade moderada, foi identificada como sendo atos de gravidade mais baixa ou média e frequentes. Por último os eventos identificados pelos especialistas como sendo graves, foram classificados como sendo de gravidade severa, independentemente sua frequência. Posto isto, a violência sexual leve inclui os comportamentos que ocorrem uma vez, como por exemplo: piadas sexistas, tocar, ficar muito próximo, enviar mensagens com conteúdo sexual. Já a violência sexual moderada contém os mesmos comportamentos, mas que ocorreram várias vezes. Os comportamentos graves que ocorrem uma vez também foram incluídos nesta categoria. Quando estes comportamentos ocorrem com regularidade estas situações foram classificadas como sendo grave. Comportamentos como o exibicionismo, ser forçada a beijar alguém, a despir-se ou ter relações sexuais contra a vontade são também considerados como violência sexual grave, mesmo quando são atos isolados. No caso de um indivíduo vivenciar diferentes tipos de violência sexual, estes são agrupados de acordo com as situações mais graves (Vertommen et al.,2016).

(51%; Fasting et al., 2004). Quando se categorizou os tipos de assédio sexual, 22% dos atletas relataram que sentiram “olhares indesejados repetidos”, 19% dos atletas vivenciou situações de “ridicularização” e 16% teve “contacto físico indesejado” (Fasting et al., 2011). Por sua vez, a prevalência do assédio sexual perpetrada contra os treinadores (neste caso, contra os instrutores *fitness* e na categoria de *personal trainer*) foi de 30%. Os participantes relataram uma prevalência de 12% para o assédio sexual não verbal e para o assédio sexual físico (Mathisen et al., 2021).

A prevalência do abuso sexual foi estudada em dois artigos, e varia entre 10.4% e 46.4% nas respectivas amostras (Leahy et al., 2002; Timpka et al., 2021).

2.1.1. Diferenças de género

Relativamente ao género dos agressores sexuais em contexto desportivo estes são sobretudo do género masculino, constituindo entre 0.9% a 34% das amostras; já o género feminino variou entre 0.7% e 12% (Fasting et al., 2003; Fasting et al., 2011; Parent et al., 2016; Sand et al., 2011; SS & SS, 2015; Vertommen et al., 2017). Apenas um artigo referiu que os ofensores eram de ambos os géneros (Timpka et al., 2019).

No que concerne às diferenças de género das vítimas, foram encontrados sete artigos (Bermon et al., 2021; Fasting & Sand, 2015; Leahy et al., 2002; Marsollier et al., 2021; Murphy, 2019; Parent et al., 2016; Timpka et al., 2019). As vítimas são maioritariamente do género feminino, constituindo entre 13.8% e 66% das amostras, enquanto a prevalência dos atletas do género masculino corresponde entre 3.2% a 29% das amostras (Bermon et al., 2021; Fasting & Sand, 2015; Leahy et al., 2002; Murphy, 2019; Parent et al., 2016; Timpka et al., 2019). Dos sete artigos mencionados, apenas um não encontrou diferenças significativas entre os géneros, no que concerne à violência sexual vivenciada no contexto desportivo (Marsollier et al., 2021).

2.1.2. Ofensores

Dos artigos selecionados, 15 caracterizam os ofensores sexuais no desporto. Os ofensores mais comuns neste contexto são os colegas de equipa e/ou outros atletas, os treinadores e figuras de autoridade no desporto (Bermon et al., 2021; Fasting et al., 2003; Fasting et al., 2004; Fasting et al., 2011; Fasting & Sand, 2015; Marsollier et al., 2021; Murphy, 2019; Parent et al., 2016; Sand et al., 2011; SS & SS, 2015; Timpka et al., 2019; Timpka et al., 2021; Vertommen et al., 2017). Outros profissionais do desporto, alguém

presente neste contexto, outros adultos e os clientes, foram os agressores menos mencionados (Fasting et al., 2011; Leahy et al., 2002; Mathisen et al., 2021; Timpka et al., 2021). Por último averiguou-se que os atletas cometem mais ofensas sexuais do que os treinadores (Bermon et al., 2021; Fasting et al., 2004; Marsollier et al., 2021; Vertommen et al., 2017).

2.1.3. Violência sexual no contexto desportivo vs. Violência sexual fora do contexto desportivo

Dos artigos incluídos nesta revisão, sete estudaram as diferenças na prevalência de violência sexual ocorrida em ambiente desportivo e não desportivo (Bermon et al., 2021; Fasting et al., 2003; Fasting et al., 2004; Fasting et al., 2010; Leahy et al., 2002; Parent et al., 2016; Timpka et al., 2019). A análise dos dados demonstrou que a prevalência da violência sexual, perpetrada contra os atletas, é superior nos contextos exteriores ao desporto. Os resultados demonstraram que a prevalência em ambientes não desportivos varia entre 58.3% e 79.1% (Fasting et al., 2004; Fasting et al., 2010; Leahy et al., 2002). Enquanto a prevalência da violência sexual, perpetrada em contexto desportivo contra os atletas, varia entre 25.6% e 44.9% (Fasting et al., 2004; Fasting et al., 2010; Leahy et al., 2002). Além disso, existem ainda os atletas que relataram ter sido vítimas de abuso sexual em ambos os contextos (16.1% dos atletas de elite vs. 4.7% dos atletas de clubes; Leahy et al., 2002).

Para além disso, os dados indicaram que não existem diferenças estatisticamente significativas quando se compara um grupo de atletas de elite (45%) com um grupo de não atletas (47%; Fasting et al., 2003). Em contexto de alta competição, os dados apontam para uma prevalência de 18% nos atletas do género masculino e de 15% para as atletas do género feminino. Por sua vez, fora do ambiente desportivo, os atletas do género masculino registaram uma prevalência de 12% e as atletas do género feminino uma prevalência de 7% (Bermon et al., 2021).

2.1.4. Nível competitivo

Depois dos artigos abrangidos nesta revisão analisam a diferença da perpetração de violência sexual no desporto, de acordo com o nível de competição (Marsollier et al., 2021; Fasting et al., 2010). Nenhum dos autores relatou diferenças estatisticamente diferentes. Os resultados, recolhidos do artigo de Fasting et al (2010), indicam que apesar de a prevalência do assédio sexual não diferir significativamente nos três níveis de

competição, as atletas de elite foram as que relataram maior taxa (55,2%), seguindo-se as atletas de nível não elite (43,9%) e, por fim, as praticantes de exercício físico (29,7%). Os autores Marsollier et al (2021) também não encontraram diferenças estatisticamente significativas no tipo de desporto, nem no nível de competição. Relativamente ao nível de competição, foram relatadas as seguintes taxas de prevalência: 35,5% dos atletas competia a nível “cantonal”, 35% competia a nível regional; 31,6% praticava desporto como forma de lazer; 31,1% competia a nível internacional e; 18,3% dos atletas competia a nível nacional. Em relação ao tipo de desporto praticado, foram relatadas taxas de prevalência de violência sexual mais elevadas para o desporto ao ar livre (35,7%), seguindo-se o desporto individual (30,4%), o desporto em equipa (28,9%) e, por último, o desporto de oposição 19,5% (Marsollier et al., 2021).

2.2. Relação treinador-atleta

Nenhum artigo abordou de forma profunda o relacionamento entre o treinador e o atleta. Dos dois artigos que abordam este relacionamento, apenas foi possível recolher informação superficial (Parent & Demers, 2011; Fasting & Sand, 2015). Em ambos os artigos, os autores falam da existência de limites pouco claros, relativamente ao relacionamento treinador-atleta (Parent & Demers, 2011; Fasting & Sand, 2015), o que poderá levar a uma sobreposição de papéis do treinador na vida do atleta (como por exemplo, ir a festas organizadas pelos atletas, frequentar a casa dos atletas, levar os atletas a estabelecimentos de diversão noturna e permitir o consumo de bebidas alcoólicas de menores, etc., Fasting & Sand, 2015). As participantes do estudo de Fasting e Sand (2015) relataram que recebiam bastante atenção do treinador. Uma das participantes mencionou que, inicialmente, o treinador pedia para falar com ela em privado, durante a boleia que oferecia para casa após o treino, e depois começou a enviar mensagens e a ter conversas íntimas, passando a tocar fisicamente de forma constante na participante, até chegar aos beijos e carícias, levando-a a acreditar que tinham um relacionamento amoroso (Fasting & Sand, 2015).

2.3. Contexto dos episódios de violência sexual

Apenas um artigo analisou o contexto onde ocorrem os episódios de assédio sexual, tendo-se verificado que estes ocorriam nas deslocações para as competições e nas boleias que o treinador oferecia após os treinos. Os resultados indicam que a ocorrência de episódios de assédio sexual é mais propensa quando existe uma sobreposição dos papéis do treinador na vida dos atletas e na ausência de outros adultos (Fasting & Sand, 2015).

2.4. Fatores de risco associados à violência sexual no desporto

Cinco artigos analisaram a violência sexual em ambiente desportivo (Çetin & Hacisoftaoğlu, 2020; Fasting & Sand, 2015; Parent & Demers, 2011; Vertommen et al., 2016; Vertommen et al., 2021). Posto isto, os fatores de risco são: a falta de formação da comunidade desportiva na temática da violência sexual; inexistência de diretrizes formais e claras, especialmente, sobre os limites dos contatos entre o treinador e os atletas; desconhecimento sobre como se atua em situações de violência sexual; ausência de sanções e/ou sanções leves; desvalorização da prevenção da violência sexual; boleias oferecidas pelo treinador ao atleta; deslocações para as competições e no decorrer das mesmas; sobreposição dos papéis do treinador na vida do atleta; pertencer a minorias étnicas, como o caso dos atletas que competem a nível internacional, comunidade LGBT (lésbicas, gays e/ou bissexuais) ou pessoas com deficiência; fatores sociológicos fora do campo; locais onde ocorrem os abusos (como os balneário); relações de poder e hierárquicas entre o treinador e o atleta; desejo de o atleta ter sucesso; contacto físico excessivo; cultura patriarcal; e a comunicação deficitária entre o atleta e os seus pais (Çetin & Hacisoftaoğlu, 2020; Fasting & Sand, 2015; Parent & Demers, 2011; Vertommen et al., 2016; Vertommen et al., 2016).

2.5. Consequências da violência sexual no desporto

Dos artigos selecionados, três abordam as consequências que a violência sexual no desporto acarreta (Fasting et al., 2002; Lee et al., 2020; Timpka et al., 2021). Apesar de alguns atletas terem mencionado que a violência sexual sofrida não causou danos negativos, outros indicaram quais foram as consequências negativas sentidas, nomeadamente: baixa autoestima; alterações no comportamento em geral, em relação ao

treinador e em relação aos homens; baixa concentração quando estão perto do ofensor; raiva; irritação; confusão; ansiedade; medo de boatos; abandono do desporto; mudança de modalidade; ideação suicida; lesões não desportivas; prejuízos no relacionamento treinador-atleta e; construção de uma visão negativa acerca dos homens (Fasting et al., 2002; Timpka et al., 2021).

3. Discussão

Os objetivos da presente revisão sistemática foram determinar qual a prevalência da violência sexual no contexto desportivo, compreender como as dinâmicas nos relacionamentos entre os treinadores e os atletas podem facilitar a ocorrência de situações de violência sexual, bem como descobrir em que moldes ocorrem estes abusos. Este artigo visou ainda determinar quais são os fatores de risco associados à violência sexual neste contexto. Foram encontradas evidências que existe violência sexual no contexto desportivo, embora esta seja menor quando comparada com os contextos exteriores ao desporto. A violência sexual no desporto é maioritariamente perpetrada por outros atletas. Consequentemente, este tipo de violência acarreta consequências significativas na vida das atletas que foram vitimizadas, prejudicando tanto o seu bem-estar como a suas carreiras profissionais podendo, em alguns casos, conduzir ao abandono da prática desportiva, ou à mudança da modalidade praticada.

No que concerne à prevalência da violência sexual, é importante salientar que é difícil fazer comparações entre os diferentes estudos devido ao/a(s): vasto leque de definições usadas; categorização usada nos estudos; grande variedade da constituição das amostras, baixas taxas de resposta, e devido à diferença de idades entre o ofensor e a vítima. As diferentes perceções que as pessoas têm sobre quais são os comportamentos inaceitáveis e graves, também influencia o auto-relato e, por conseguinte, as taxas de prevalência. Por estes motivos é difícil chegar a um consenso sobre a prevalência. Além disso, a escassez de dados concretos sobre a prevalência da violência sexual no desporto não permite que os investigadores comparem essas taxas com outras diferentes, nomeadamente, de outros contextos, para perceber se existe maior risco de violência sexual no desporto. Todavia, no presente artigo a prevalência para a violência sexual variou entre 0% e 72% (Auweele et al., 2008; Cense & Brackenridge, 2001; Fasting et

al., 2014; Fejgin & Hanegby, 2001; Johansson & Lundqvist, 2017; Stirling & Kerr, 2010; Tomlinson & Yorganci, 1997).

Tal como é sugerido nos estudos científicos, verificou-se que a prevalência da violência sexual no contexto desportivo é menor quando comparada com a prevalência de outros contextos (e.g. laboral e educacional; Fasting et al., 2008; Fasting et al., 2014; Volkwein-Caplan et al., 2002). Uma explicação plausível para estas diferenças deve-se à forma como os diversos grupos entendem o que são comportamentos sexualmente inadequados ou às metodologias de avaliação implementadas, por exemplo, se avaliaram estratégias *hands-on* ou *hands-off* para a perpetração de violência sexual. Após analisar as perceções dos atletas e dos estudantes sobre os comportamentos instrucionais e invasivos por parte dos treinadores e dos professores, Volkwein-Caplan et al (2002) constataram que os dois grupos são capazes de diferenciar ambos os comportamentos. Contudo, o grupo dos estudantes demonstrou ser mais sensível a estas diferenças (Volkwein-Caplan et al., 2002). Nielsen (2001) sugere que a tolerância que os atletas têm, relativamente a este tipo de comportamentos, deve-se à cultura desportiva que normaliza este tipo de atos. Não obstante alguns autores relataram taxas de prevalência inferiores no contexto universitário em comparação com as encontradas no contexto do desporto (Carvalho et al., 2021; Carvalho & Sá, 2020). Assim sendo, a prevalência de perpetração de violência sexual relatada pelas universitárias do género feminino foi de 32,7%, entre estas universitárias 46,5% revelou que recorreu a estratégias de abuso sexual (e.g. através da posição de poder e autoridade; Carvalho et al., 2021). Os universitários do género masculino (52, 6%) mencionaram que já recorreram a estratégias agressivas para tentar uma interação sexual, dos quais 41,4% recorreu ao abuso sexual (Carvalho & Sá, 2020).

As vítimas de violência sexual são na sua maioria atletas do género feminino, tal como foi observado na literatura (Brackenridge, 1997; Fasting et al., 2008). Fasting et al (2008) constataram que as atletas do género feminino, têm aproximadamente cinco vezes mais probabilidade de serem alvo de comportamentos sexualmente violentos, do que os atletas do género masculino.

Relativamente aos ofensores, a literatura corrobora os resultados obtidos, demonstrando que os colegas de equipa tendem a exercer mais violência sexual do que os treinadores (Fasting et al., 2014). Todavia a violência sexual perpetrada pelos treinadores é considerada mais grave do que a que é cometida pelos colegas (Fasting et al., 2014). Uma explicação plausível deve-se ao poder que o treinador tem, assim como a confiança que os atletas depositam nos treinadores (Fasting et al., 2014). Verificou-se

também que os ofensores são maioritariamente do género masculino, tal como é sugerido por outros autores (Brackenridge, 1997; Fasting et al., 2007).

A violência sexual acarreta consequências nefastas para os atletas. A curto prazo, as consequências manifestam-se através do abandono da prática desportiva, da repressão das memórias e emoções e desconfiança em relação às pessoas do género masculino. A longo prazo, a autoconfiança pode ser afetada, assim como a confiança que os atletas têm em outras pessoas. O medo, a tristeza, a raiva, perturbações do foro sexual, evitamento de situações e pessoas que façam recordar os ofensores e prejuízos no desenvolvimento, são outras sintomatologias que podem surgir ao longo do tempo. A esfera familiar e social também é afetada (Brackenridge, 1997; Cense & Brackenridge, 2001). Estes dados são consistentes com as pesquisas realizadas noutros contextos (e.g. laboral, universitário), em que as vítimas relataram sintomatologia depressiva, perturbações de ansiedade e perturbação de *stress* pós-traumático, interrupção dos estudos, mudança de instituição, prejuízos financeiros, lesões físicas, doenças sexualmente transmissíveis, distúrbios do sono, gravidez indesejada, ideação suicida, sentimentos de culpa, vergonha, medo, raiva, humilhação e mudanças de humor e dificuldade em relacionar-se com outras pessoas (APA, 2008; APAV³; Cary et al., 2018; Chehab et al., 2017; Inoue & Ristum, 2008; Potter et al., 2018; Wilson et al. 2011). É essencial mencionar que as vítimas de violência sexual não reagem todas de igual forma, no entanto é comum que as suas primeiras reações sejam o medo, o choque e a descrença (APA, 2008; APAV³). De factos algumas destas consequências foram analisadas pela autora na secção dos resultados, nomeadamente a baixa autoestima, raiva e abandono da prática desportiva, baixa autoestima, ansiedade, raiva e alterações no comportamento.

A presente revisão sistemática verificou que a violência sexual ocorre em qualquer local, nomeadamente nos treinos, nas competições e/ou com recurso à comunicação nas redes sociais. A literatura sugere que a violência sexual ocorreu na maioria das vezes em situações diretamente relacionadas com o desporto, como por exemplo: antes ou durante o treino, nas competições ou nos campos, durante as massagens do treinador, na casa do treinador (Cense & Brackenridge, 2001; Johansson & Lundqvist, 2017). Outros atletas revelaram que vivenciaram estas situações fora do contexto desportivo, como no decorrer de uma atividade social ou através das redes sociais. Ao longo dos anos, diferentes pesquisas, têm comprovado que a violência sexual ocorre em qualquer nível competitivo (Johansson & Lundqvist, 2017).

A falta de políticas e procedimentos nas organizações desportivas para lidar com casos de abuso sexual também foram discutidas por outros autores (Parent, 2011). Foi ainda mencionada a falta de competência dos administradores desportivos para lidar com as denúncias de abuso sexual, dado que não possuem formação adequada para intervir. Por estes motivos, é importante educar e transmitir informação sobre a violência sexual. A educação além de prevenir conflitos entre os treinadores e os atletas, permite aos atletas esclarecer as suas dúvidas sobre comportamentos ambíguos. No caso dos treinadores, a educação oferece ferramentas que auxiliam no estabelecimento de limites claros sobre interações adequadas com os atletas (Cense & Brackenridge, 2001; Volkwein et al., 1997).

Esta revisão sistemática gerou poucos dados sobre o relacionamento entre o treinador e o atleta. Apenas foi abordada a inexistência de limites claros na relação entre estes e na sobreposição de papéis que o treinador tem na vida dos atletas, bem como a atenção excessiva que as vítimas recebiam dos ofensores. Porém a literatura foca-se no poder que o treinador tem no relacionamento com o atleta, bem como na forma como este pode potenciar situações de violência sexual. Esta desigualdade é marcada pela diferença de idades entre ambos, pelo conhecimento do treinador e pelas posições que os dois têm no desporto. Outros fatores como a ocupação dos treinadores em cargos não vigiados e a inexistência de medidas punitivas, também reforçam o *status* inferior do atleta na organização. A boa reputação e o sucesso do treinador são outros aspetos cruciais a ter em atenção, dado que estes conduzem a diversas situações de vulnerabilidade, tais como à legitimação da autoridade do treinador, muitas das vezes inquestionável, à admiração que os atletas sentem pelo treinador, ao controlo excessivo sobre fatores externos à prática desportiva e à sobreposição de papéis do técnico (Cense & Brackenridge, 2001; Stirling & Kerr, 2009). De facto, nos artigos analisados neste estudo, verificou-se que a influência do treinador abusador estendia-se ao desporto e que este controlava com quem o atleta se relacionava dentro e fora do desporto. Além disso os resultados demonstraram que o treinador ocupava um papel na vida dos atletas fora do desporto, participando em festas com a equipa e frequentando a casa dos atletas. Stirling e Kerr (2009) averiguaram que o sucesso do treinador, influencia o seu poder sobre os atletas de três maneiras diferentes: atribuindo o seu próprio sucesso ao treinador devido à reputação do técnico, não questionar os métodos de um treinador bem-sucedido, e justificar o comportamento problemático do treinador. Além do mais é fundamental ter em consideração que o treinador convive bastante tempo com os atletas, levando os últimos a, equipararem este

relacionamento ao de um pai e filho (Cense & Brackenridge, 2001; Stirling & Kerr, 2009). Após o treinador conquistar a confiança dos atletas, de forma gradual vai desrespeitando os seus limites (e.g. ter conversas íntimas e/ou pessoais, beijos, abraços, convites para jantar fora, etc., Cense & Brackenridge, 2001; Stirling & Kerr, 2009), criando desta forma um relacionamento ambíguo entre ambos. Verificou-se também que a cooperação era recompensada, enquanto a resistência era punida. Por isso, não é incomum os atletas serem ameaçados com o término do relacionamento profissional, quando decidem não colaborar. Devido ao medo de perder o treinador e a possibilidade de continuar a praticar desporto, os atletas cedem. Consequentemente os atletas sentem-se cada vez mais dependentes dos treinadores (Cense & Brackenridge, 2001). Apesar do medo que sentem, os atletas tendem a normalizar estes comportamentos (Stirling & Kerr 2009). É igualmente importante mencionar que os atletas, temem denunciar os abusos devido ao poder do treinador, pois têm medo sofrer repercussões por parte do treinador, ou seja, que este deixe de treiná-los e das consequências que tal provocaria nas suas carreiras. Além de que temem que os seus relatos sejam desacreditados, devido à boa reputação do treinador (Stirling & Kerr, 2009). Por último, é necessário salientar, que é o treinador que decide quem tem acesso aos atletas e por isso, pode proibir os pais de assistirem aos treinos, criar situações que permitam ficar sozinhos com os atletas nos treinos, sem supervisão de outro adulto, tornando os atletas vulneráveis para os abusos. Apesar do que foi mencionado neste parágrafo, e à luz dos modelos de conceptualização da agressão sexual (e.g., Finkelhor, 1984), seria esperado que o treinador estivesse, primeiramente, motivado para abusar sexualmente do atleta (Finkelhor, 1984 cit in Cense & Brackenridge, 2001). Posteriormente, escolheria a vítima, e criaria as condições necessárias para que ela mantenha em segredo os abusos (e.g. isolar o atleta, Cense & Brackenridge, 2001). Trata-se de uma leitura feita a partir de modelos oriundos da literatura acerca da conceptualização da violência sexual, com enfoque, maioritariamente, em agressores sexuais condenados.

É também importante mencionar que os atletas não reagem todos da mesma forma, mas as respostas emocionais mais comuns são o nojo, o medo, a irritação e a raiva. As respostas comportamentais mais experienciadas são a passividade, a evitação, o confronto direto e confronto através do humor (Fasting et al., 2007).

Apesar de os treinadores julgarem as relações sexuais com atletas sem idade para as consentir inadequadas, o mesmo não se aplica quando um atleta tem idade para consentir tais relações. Enquanto alguns treinadores consideram os relacionamentos

sexuais com os atletas antiéticos, outros consideram que a sua proibição seria uma restrição à liberdade civil. Embora os treinadores tenham mostrado vontade de mudar os seus comportamentos, eles preferem não intervir nos comportamentos dos colegas, quando surgem suspeitas de abuso, com medo de prejudicarem as carreias dos outros (Bringer et al., 2002).

Cense & Brackenridge (2001) descreveram alguns fatores de risco, tais como o isolamento social do atleta (dentro e fora do desporto), um relacionamento pobre com os pais, o desejo do atleta alcançar o nível de elite, estabelecer um relacionamento de confiança com o atleta, que substitui o relacionamento fraco com os pais, baixa autoestima e o conhecimento imaturo e limitado sobre a sexualidade. Este conhecimento não permite que os atletas reconheçam que estão a ser sexualmente abusados, porque não têm capacidades para relatar os abusos, ou então normalizam-nos. Competir no nível de elite pode aumentar a vulnerabilidade dos atletas, porque o desporto além de ser muito importante para eles, promove o controlo excessivos dos treinadores em todas as esferas das suas vidas, afetando a confiança e a autoimagem dos atletas. É comum os atletas não reconhecerem os abusos de que são alvo, sentirem vergonha e/ou culpa, e tentarem ocultarem da memória os abusos (Cense & Brackenridge, 2001; Tomlinson & Yorganci, 1997).

Provavelmente o abuso resulta da combinação de fatores relacionados com o treinador, o desporto e o atleta (Brackenridge, 1997). Por isso Brackenridge (1997) dividiu os fatores de risco associados ao treinador, atleta e desporto. O treinador abusador tende a ser do género masculino, é mais velho do que o atleta, tem um físico forte, boas qualificações, uma excelente reputação e os pais confiam bastante nele. Existe um risco acrescido quando há um registo anterior de abusos sexuais ou quando este é ignorado, quando o treinador frequentemente consegue estar sozinho com o atleta nos treinos, nas competições, em casa e nas viagens para fora. Quando frequentemente usa o carro para transportar os atletas e quando existe um compromisso débil com os códigos e condutas de ética o risco para a perpetração de violência sexual aumenta. Por outro lado, as variáveis do desporto estão relacionadas com a frequência em que é necessário o toque físico nos treinos, participar em desportos individuais ou em equipa, fraco controlo no recrutamento de profissionais, treinos que impliquem descolações, inexistência de códigos de ética/conduita para os comportamentos dos treinadores, vinculação distante com os pais. Por fim, o atleta vitimizado é do género feminino, mais novo, com um físico menos robusto, com uma boa reputação, sem histórico de abuso sexual, baixa autoestima,

consciência pobre no que concerne ao abuso sexual, problemas de saúde em especial com a alimentação, relacionamento pobre com os pais, sem educação sobre o que é o abuso sexual e grande admiração pelo treinador (Brackenridge, 1997). É de salientar que os factores de risco associados à vítima jamais devem ser entendidos como um factor de responsabilização da mesma.

Limitações

Os resultados discutidos anteriormente devem ser analisados com cautela, na medida em que foram encontradas algumas limitações. Tal como já foi mencionado, os estudos que se debruçaram sobre a prevalência, deparam-se com limitações intrínsecas próprias da área de investigação. Assim um dos primeiros entraves diz respeito aos conceitos de violência sexual, abuso sexual e assédio sexual a que os autores recorreram. A ausência de uma definição clara e universal contribui para as diferenças encontradas ao nível das taxas de prevalência. Outra condição que poderá criar uma discrepância entre os indicadores de prevalência são os instrumentos utilizados, devido à grande variedade a que os autores recorreram para medir as variáveis em estudo. Por vezes, a os indicadores de violência sexual incluíam “percepções”, o que conseqüentemente afeta os níveis de prevalência relatados. De igual modo, os vieses de amostragem (e.g., amostras com números díspares entre os géneros, os níveis competitivos e culturais) também contribuem para estas diferenças. Analogamente esta revisão permitiu encontrar outras insuficiências e lacunas nas investigações levadas a cabo, nomeadamente a escassez de estudos qualitativos e sobre as dinâmicas abusivas nos relacionamentos atleta-atleta. Dado que as ofensas sexuais no contexto desportivo são maioritariamente cometidas por colegas de equipa, seria importante compreender como este relacionamento poderá potenciar situações abusivas e como se desenvolvem. E, por conseguinte, impossibilita o desenvolvimento de medidas protetoras. Seria igualmente interessante proceder à comparação entre as dinâmicas abusivas nos relacionamentos treinador-atleta e atleta-atleta para descobrir quais as diferenças e semelhança entre elas, para posteriormente prevenir e intervir. Por fim, os estudos de índole qualitativos seriam fundamentais pois permitem explorar com mais detalhes as circunstâncias, experiências e trajetórias das vítimas de modo a compreender melhor este fenómeno. Outra limitação com que esta revisão se depara, é a informação insuficiente sobre o *modus operandi* dos treinadores abusivos. Em consequência, este estudo não pode contribuir para a definição de

estratégias de prevenção de forma cabal. Finalmente, há que salientar o pouco tempo disponível para a realização da avaliação de qualidade e risco de enviesamento dos artigos. Neste sentido, esta avaliação será repetida a partir de uma equipa formada para o efeito e para fins de publicação.

4. Conclusão

A análise da literatura permitiu responder a todas as questões de investigação, salvaguardando-se as limitações apontadas. Assim sendo, existe evidência de violência sexual no contexto desportivo, à luz dos relatos jornalísticos que, por vezes, são relatados. Embora o relacionamento treinador-atleta seja uma peça importante na compreensão deste fenómeno, e apresente vários fatores de risco associados, ficou claro que devemos reforçar a atenção ao relacionamento entre os atletas, devido aos elevados relatos de violência praticados entre estes. De igual modo, verificou-se que a violência sexual tem repercussões negativas e riscos associados na vida destas vítimas.

Apesar das limitações mencionadas, espera-se que esta revisão contribua para a consciencialização social de um fenómeno que afeta de forma negativa a população desportiva. A violência sexual é, por vezes, uma experiência subjetiva, mas que deve ser encarada como um problema social relevante, devido à cultura peculiar do contexto desportivo. Por este motivo urge a implicação social e política para prevenir a sua ocorrência e revitimização e responsabilizar os/as ofensores/as. Ao mesmo tempo, espera-se que esta revisão abra caminho para a adoção de uma política de tolerância zero relativamente à violência sexual, através da educação e formação de toda a comunidade desportiva. A educação dos pais para estas temáticas também é fundamental, uma vez que são as principais figuras na vida dos atletas, para que possam reconhecer alguns sinais e assim proteger os filhos.

Em 2018, Portugal aderiu à campanha de sensibilização “Start to Talk”, uma iniciativa do Conselho da Europa e da Comissão Europeia (“Pro Safe Sport+”). Esta campanha pretende dotar as crianças e os jovens atletas de conhecimento relativamente ao abuso sexual, e implementar medidas de prevenção e de resposta à violência sexual.

Espera-se que o presente estudo relembra a importância deste tipo de ações e em especial, que seja possível torná-las uma regra no mundo de desporto.

A par dos códigos de ética dos clubes e das federações desportivas, deveria de ser implementado um código de ética particular para a violência sexual, de forma a desmistificar alguns comportamentos e atitudes ambíguas, para que os atletas se possam proteger.

Referências Bibliográficas

- Ahmed, M. D., van Niekerk, R. L., Ho, W. K. Y., Morris, T., Baker, T., Ali Khan, B., & Tetso, A. (2018). Female student athletes' perceptions of acceptability and the occurrence of sexual-related behaviour by their coaches in India. *International journal of comparative and applied criminal justice*, 42(1), 33-53.
<https://doi.org/10.1080/01924036.2017.1310661>
- American Psychological Association. (2008). *Sexual assault and harassment*. Consultado a 09 de outubro de 2022.
<https://www.apav.pt/unisexo2/index.php/pt/icons>
- Associação Portuguesa de Apoio À Vítima¹. *O que é violência sexual*. Consultado a 20 de abril de 2021. <https://apav.pt/care/index.php/pt/violencia-sexual-contracriancas-e-jovens/o-que-e-violencia-sexual>
- Associação Portuguesa de Apoio À Vítima². *O que é*. Consultado a 20 de abril de 2021.
<https://www.apav.pt/unisexo2/index.php/pt/features>
- Associação Portuguesa de Apoio À Vítima³. *Qual o impacto*. Consultado a 09 de outubro de 2022. <https://www.apav.pt/unisexo2/index.php/pt/icons>
- Auweele, Y. V., Opdenacker, J., Vertommen, T., Boen, F., Van Niekerk, L., De Martelaer, K., & De Cuyper, B. (2008). Unwanted sexual experiences in sport: Perceptions and reported prevalence among Flemish female student-athletes. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 6(4), 354-365.
<https://doi.org/10.1080/1612197X.2008.9671879>
- Baker III, T. A., Connaughton, D. P., & Zhang, J. J. (2010). An examination of immunity statutes regarding the liability of recreational youth sport organizations for the pedophilic actions of coaches, administrators, and officials. *ICHPER--SD Journal of Research in Health, Physical Education, Recreation, Sport & Dance*, 5(1).

- Balias, D., Oliveira, V., & Almeida, F. (2012). O violador português: um olhar sobre a literatura. In Almeida, F., & Paulino, M. (Eds.). *Profiling, vitimologia & ciências forenses* (2^a ed.) (pp. 393-427). Pactor.
- Bermon, S., Adami, P. E., Dahlström, Ö., Fagher, K., Hautala, J., Ek, A., Anderson, C., Jacobsson, J., Sevedin, C.G., & Timpka, T. (2021). Lifetime prevalence of verbal, physical, and sexual abuses in young elite athletics athletes. *Frontiers in sports and active living*, 3, 657624. <https://doi.org/10.3389/fspor.2021.657624>
- Bjørnseth, I., & Szabo, A. (2018). Sexual violence against children in sports and exercise: A systematic literature review. *Journal of child sexual abuse*, 27(4), 365-385. <https://doi.org/10.1080/10538712.2018.1477222>
- Brackenridge, C. (1997). He owned me basically...' women's experience of sexual abuse in sport. *International Review for the Sociology of Sport*, 32(2), 115-130. <https://doi.org/10.1177/101269097032002001>
- Brackenridge, C. H., & Rhind, D. (2014). Child protection in sport: Reflections on thirty years of science and activism. *Social Sciences*, 3(3), 326-340. <https://doi.org/10.3390/socsci3030326>
- Brackenridge, C., Bringer, J. D., & Bishopp, D. (2005). Managing cases of abuse in sport. *Child Abuse Review: Journal of the British Association for the Study and Prevention of Child Abuse and Neglect*, 14(4), 259-274. <https://doi.org/10.1002/car.900>
- Brackenridge, C., Bringer, J. D., Cockburn, C., Nutt, G., Pitchford, A., Russell, K., & Pawlaczek, Z. (2004). The Football association's child protection in football research project 2002–2006: Rationale, design and first year results. *Managing Leisure*, 9(1), 30-46. <https://doi.org/10.1080/1360671042000182943>
- Bringer, J. D., Brackenridge, C. H., & Johnston, L. H. (2002). Defining appropriateness in coach-athlete sexual relationships: The voice of coaches. *Journal of sexual aggression*, 8(2), 83-98. <https://doi.org/10.1080/13552600208413341>

- Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2021). Dynamic risk factors characterizing aggressive sexual initiation by female college students. *Journal of interpersonal violence*, 36(5-6), 2455-2477. Doi: 10.1177/088620518760010
- Carvalho, J., & Sá, A. (2020). Male college students using sexually aggressive strategies: Findings on the interpersonal relationship profile. *Journal of interpersonal violence*, 35(3-4), 646-661. Doi: 10.1177/0886260516689779
- Carey, K. B., Norris, A. L., Durney, S. E., Shepardson, R. L., & Carey, M. P. (2018). Mental health consequences of sexual assault among first-year college women. *Journal of American college health*, 66(6), 480-486. <https://doi.org/10.1080/07448481.2018.1431915>
- Cense, M., & Brackenridge, C. (2001). Temporal and developmental risk factors for sexual harassment and abuse in sport. *European physical education review*, 7(1), 61-79.
- Çetin, E., & Hacısoftaoğlu, I. (2020). Factors facilitating child abuse in sports in Turkey: The case of elite athletes. *Children and Youth Services Review*, 116, 105120. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105120>
- Chehab, M. A. D., Paiva, L. D. S., Figueiredo, F. W. D. S., Daboin, B. E. G., Reato, L. D. F. N., & Adami, F. (2017). Características do abuso sexual em Santo André, São Paulo, Brasil: Das vítimas ao agressor, do diagnóstico ao tratamento. *J. Hum. Growth Dev*, 27(2), 228-34. <https://doi.org/10.7322/jhgd.123611>
- Diário da República n.º 181/2009, Série I de 2009-09-17. Assembleia da República. Lei n.º 113/2009.
- Diário da República n.º 63/1995, Série I-A de 1995-03-15. Código Penal. Decreto-Lei n.º 48/95.
- Fasting, K., & Sand, T. S. (2015). Narratives of sexual harassment experiences in sport. *Qualitative research in sport, exercise and health*, 7(5), 573-588. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2015.1008028>

- Fasting, K., Brackenridge, C. H., Miller, K. E., & Sabo, D. (2008). Participation in college sports and protection from sexual victimization. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 6(4), 427-441.
<https://doi.org/10.1080/1612197X.2008.9671883>
- Fasting, K., Brackenridge, C., & Sundgot-Borgen, J. (2004). Prevalence of sexual harassment among Norwegian female elite athletes in relation to sport type. *International review for the sociology of sport*, 39(4), 373-386.
<https://doi.org/10.1177/1012690204049804>
- Fasting, K., Brackenridge, C., & Sundgot-Borgen, J. (2003). Experiences of sexual harassment and abuse among Norwegian elite female athletes and nonathletes. *Research quarterly for exercise and sport*, 74(1), 84-97.
<https://doi.org/10.1080/02701367.2003.10609067>
- Fasting, K., Brackenridge, C., & Walseth, K. (2002). Consequences of sexual harassment in sport for female athletes. *Journal of sexual aggression*, 8(2), 37-48.
<https://doi.org/10.1080/13552600208413338>
- Fasting, K., Brackenridge, C., & Walseth, K. (2007). Women athletes' personal responses to sexual harassment in sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 19(4), 419-433. <https://doi.org/10.1080/10413200701599165>
- Fasting, K., Brackenridge, C., & Knorre, N. (2010). Performance level and sexual harassment prevalence among female athletes in the Czech Republic. *Women in Sport and Physical Activity Journal*, 19(1), 26-32.
<https://doi.org/10.1123/wspaj.19.1.26>
- Fasting, K., Chroni, S., Hervik, S. E., & Knorre, N. (2011). Sexual harassment in sport toward females in three European countries. *International review for the sociology of sport*, 46(1), 76-89. <https://doi.org/10.1177/1012690210376295>
- Fasting, K., Chroni, S., & Knorre, N. (2014). The experiences of sexual harassment in sport and education among European female sports science students. *Sport, Education and Society*, 19(2), 115-130.
<https://doi.org/10.1080/13573322.2012.660477>

- Fejgin, N., & Hanegby, R. (2001). Gender and cultural bias in perceptions of sexual harassment in sport. *International Review for the sociology of sport*, 36(4), 459-478. <https://doi.org/10.1177/101269001036004006>
- Gama, M. D. C. M. M. D. (2019). *Representações sociais sobre o abuso sexual no contexto desportivo*. [Doctoral Dissertation, ISCTE-IUL]. Repositório Institucional ISCTE-IUL. <http://hdl.handle.net/10071/20049>
- Hagiwara, Y., Sekiguchi, T., Yabe, Y., Momma, H., Tsuchiya, M., Kanazawa, K., Koide, M., Itay, M., Yoshida, S., Sogi, Y., Yano, T., Itoi, E., & Nagatomi, R. (2019). The characteristics of coaches that verbally and physically abuse young baseball players using a self-reported questionnaire. *Journal of Orthopaedic Science*, 24(2), 361-367. <https://doi.org/10.1016/j.jos.2018.06.024>
- Inoue, S. R. V., & Ristum, M. (2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25, 11-21. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100002>
- Johansson, S., Kenttä, G., & Andersen, M. B. (2016). Desires and taboos: Sexual relationships between coaches and athletes. *International journal of sports science & coaching*, 11(4), 589-598. <https://doi.org/10.1177/1747954116654777>
- Johansson, S., & Lundqvist, C. (2017). Sexual harassment and abuse in coach–athlete relationships in Sweden. *European Journal for Sport and Society*, 14(2), 117-137. <https://doi.org/10.1080/16138171.2017.1318106>
- Kirby, S. L., & Wintrup, G. (2002). Running the gauntlet: An examination of initiation/hazing and sexual abuse in sport. *Journal of sexual aggression*, 8(2), 49-68. <https://doi.org/10.1080/13552600208413339>
- Leahy, T., Pretty, G., & Tenenbaum, G. (2002). Prevalence of sexual abuse in organised competitive sport in Australia. *Journal of sexual aggression*, 8(2), 16-36. <https://doi.org/10.1080/13552600208413337>
- Lee, C. G., Kwon, J., Sung, H., Oh, I., Kim, O., Kang, J., & Park, J. W. (2020). The effect of physically or non-physically forced sexual assault on trajectories of sport

participation from adolescence through young adulthood. *Archives of public health*, 78(1), 1-10. <https://doi.org/10.1186/s13690-020-00435-w>

Marks, S., Mountjoy, M., & Marcus, M. (2012). Sexual harassment and abuse in sport: the role of the team doctor. *Br J Sports Med*, 46(13), 905-908.

<http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2011-090345>

Marsollier, É., Hauw, D., & von Roten, F. C. (2021). Understanding the prevalence rates of interpersonal violence experienced by young French-speaking Swiss athletes. *Frontiers in psychology*, 12. [10.3389/fpsyg.2021.726635](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.726635)

Mathisen, T. F., Sølvsberg, N., Sundgot-Borgen, C., & Sundgot-Borgen, J. (2021). Sexual Harassment in Fitness Instructors: Prevalence, Perpetrators, and Mental Health Correlates. *Frontiers in Psychiatry*, 12. [10.3389/fpsyg.2021.735015](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.735015)

Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & PRISMA. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *Academia and Clinic*, 151(4), 264-269. <http://annals.org/> on 10/31/2016

Murphy, W. F. (2019). Investigating the incidence of sexual assault in martial arts coaching using media reports. *Digital Investigation*, 30, 90-93.

<https://doi.org/10.1016/j.diin.2019.07.001>

Nery, M., & Neto, C. (2018). *Assédio e abuso sexual no desporto*. Revisão de literatura e guidelines internacionais. Consultado a 20 de abril de 2021.

[https://www.researchgate.net/profile/Miguel-](https://www.researchgate.net/profile/Miguel-Nery/publication/327845357_Desporto_Genero_e_Sexualidade/links/5f20381f92851cd5fa4e4731/Desporto-Genero-e-Sexualidade.pdf)

[Nery/publication/327845357_Desporto_Genero_e_Sexualidade/links/5f20381f92851cd5fa4e4731/Desporto-Genero-e-Sexualidade.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Miguel-Nery/publication/327845357_Desporto_Genero_e_Sexualidade/links/5f20381f92851cd5fa4e4731/Desporto-Genero-e-Sexualidade.pdf)

Nielsen, J. T. (2001). The forbidden zone: Intimacy, sexual relations and misconduct in the relationship between coaches and athletes. *International review for the sociology of sport*, 36(2), 165-182. <https://doi.org/10.1177/101269001036002003>

Ohlert, J., Vertommen, T., Rulofs, B., Rau, T., & Allroggen, M. (2021). Elite athletes' experiences of interpersonal violence in organized sport in Germany, the

- Netherlands, and Belgium. *European journal of sport science*, 21(4), 604-613.
<https://doi.org/10.1080/17461391.2020.1781266>
- Parent, S., & Demers, G. (2011). Sexual abuse in sport: a model to prevent and protect athletes. *Child Abuse Review*, 20(2), 120-133. <https://doi.org/10.1002/car.1135>
- Parent, S. (2011). Disclosure of sexual abuse in sport organizations: A case study. *Journal of child sexual abuse*, 20(3), 322-337.
<https://doi.org/10.1080/10538712.2011.573459>
- Parent, S., Lavoie, F., Thibodeau, M. È., Hébert, M., Balias, M., & Team PAJ. (2016). Sexual violence experienced in the sport context by a representative sample of Quebec adolescents. *Journal of interpersonal violence*, 31 (16), 2666-2686.
<https://doi.org/10.1177/0886260515580366>
- Parent, S., & Fortier, K. (2017). Prevalence of interpersonal violence against athletes in the sport context. *Current opinion in psychology*, 16, 165-169.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.05.012>
- Pépin-Gagné, J., & Parent, S. (2016). Coaching, touching, and false allegations of sexual abuse in Canada. *Journal of sport and social issues*, 40(2), 162-172.
<https://doi.org/10.1177/0193723515615176>
- Potter, S., Howard, R., Murphy, S., & Moynihan, M. M. (2018). Long-term impacts of college sexual assaults on women survivors' educational and career attainments. *Journal of American College Health*, 66(6), 496-507.
<https://doi.org/10.1080/07448481.2018.1440574>
- Serrado, R. (2014). Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910). *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, 33, 219-251.
<https://doi.org/10.4000/cultura.2425>
- Sand, T. S., Fasting, K., Chroni, S., & Knorre, N. (2011). Coaching behavior: any consequences for the prevalence of sexual harassment?. *International journal of sports science & coaching*, 6(2), 229-241. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.6.2.229>

- SS, S. F., & SS, S. S. (2015). The occurrence of sexual harassment among sports practitioners in Bukit Jalil, Kuala Lumpur. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 211, 917-923. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.11.121>
- Stirling, A. E., & Kerr, G. A. (2009). Abused athletes' perceptions of the coach-athlete relationship. *Sport in Society*, 12(2), 227-239. <https://doi.org/10.1080/17430430802591019>
- Timpka, T., Spreco, A., Dahlstrom, O., Jacobsson, J., Kowalski, J., Bargoria, V., Mountjoy, M., & Svedin, C. G. (2021). Suicidal thoughts (ideation) among elite athletics (track and field) athletes: Associations with sports participation, psychological resourcefulness and having been a victim of sexual and/or physical abuse. *British journal of sports medicine*, 55(4), 198-205. <http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2019-101386>
- Timpka, T., Janson, S., Jacobsson, J., Dahlström, Ö., Spreco, A., Kowalski, J., Bargoria, V., Mountjoy, M., & Svedin, C. G. (2019). Lifetime history of sexual and physical abuse among competitive athletics (track and field) athletes: cross sectional study of associations with sports and non-sports injury. *British journal of sports medicine*, 53(22), 1412-1417. <http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2018-099335>
- Tomlinson, A., & Yorganci, I. (1997). Male coach/female athlete relations: Gender and power relations in competitive sport. *Journal of Sport and Social Issues*, 21(2), 134-155. <https://doi.org/10.1177/019372397021002003>
- Vertommen, T., Verhelle, H., Martijn, F. M., & De Boeck, M. (2021). Static and dynamic recidivism risk factors of people who have committed child sex offenses in sport. *Frontiers in sports and active living*, 3, 1-14. <https://doi.org/10.3389/fspor.2021.624548>
- Vertommen, T., Kampen, J., Schipper-van Veldhoven, N., Wouters, K., Uzieblo, K., & Van Den Eede, F. (2017). Profiling perpetrators of interpersonal violence against children in sport based on a victim survey. *Child Abuse & Neglect*, 63, 172-182. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.11.029>

- Vertommen, T., Veldhoven, N. S., Wouters, K., Kampen, J. K., Brackenridge, C. H., Rhind, D. J., Neels, K., & Eede, F. V. D. (2016). Interpersonal violence against children in sport in the Netherlands and Belgium. *Child abuse & neglect, 51*, 223-236. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.10.006>
- Volkwein-Caplan, K., Schnell, F., Devlin, S., Mitchell, M., & Sutera, J. (2002). Sexual harassment of women in athletics vs academia. *Journal of sexual aggression, 8*(2), 69-82. <https://doi.org/10.1080/13552600208413340>
- Volkwein, K. A., Schnell, F. I., Sherwood, D., & Livezey, A. (1997). Sexual harassment in sport: Perceptions and experiences of American female student-athletes. *International review for the sociology of sport, 32*(3), 283-295. <https://doi.org/10.1177/1012690297032003005>
- Wilson, C. M., Douglas, K. S., & Lyon, D. R. (2011). Violence against teachers: Prevalence and consequences. *Journal of interpersonal violence, 26*(12), 2353-2371. <https://doi.org/10.1177/0886260510383027>
- Inoue, S. R. V., & Ristum, M. (2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia (Campinas), 25*, 11-21. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100002>

Anexos

Anexo A – Avaliação do viés de qualidade dos desenhos de pesquisa através do MMAT

Tabela 2.

Viés de qualidade dos estudos qualitativos

	A abordagem qualitativa é adequada para responder à questão de pesquisa?	Os métodos de coleta de dados qualitativos são adequados para abordar a questão de pesquisa?	As descobertas são derivadas adequadamente dos dados?	A interpretação dos resultados está suficientemente fundamentada pelos dados?	Existe coerência entre as fontes de dados qualitativos, coleta, análise e interpretação?
Çetin & Hacisoftaoglu, 2020	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Fasting & Sand, 2015	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Parent & Demers, 2011	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Fasting, Brackenridge & Walseth, 2002	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Tabela 3.

Viés de qualidade dos estudos mistos

	Existe uma justificativa adequada para usar um projeto de métodos mistos para abordar a questão de pesquisa?	Os diferentes componentes do estudo estão efetivamente integrados para responder à questão de pesquisa?	Os resultados da integração dos componentes qualitativos e quantitativos são interpretados adequadamente?	As divergências e inconsistências entre os resultados quantitativos e qualitativos são tratadas adequadamente?	Os diferentes componentes do estudo seguem os critérios de qualidade de cada tradição dos métodos envolvidos?
SS & SS, 2015	Não	Não	Não	Sim	Não sei

Tabela 4.

Viés de qualidade dos estudos quantitativos descritivos

	A estratégia de amostragem é relevante para abordar a questão de pesquisa?	A amostra é representativa da população-alvo?	As medidas são adequadas?	O risco de viés de não resposta é baixo?	A análise estatística é adequada para responder à questão de pesquisa?

Bermon et al., 2021	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Mathisen et al., 2021	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Marsollier et al., 2021	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Vertommen et al., 2021	Sim	Sim	Sim	Não se aplica	sim
Ohlert et al., 2020	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Murphy, 2019	Não	Sim	Não	Não se aplica	Não
Timpka et al., 2019	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Fasting et al., 2016	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Parent et al., 2015	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Sand et al., 2011	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Fasting et al., 2010	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Fasting et al., 2003	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Leahy et al., 200	Sim	Sim	Sim	Não	Não

Tabela 5.

Viés de qualidade dos estudos quantitativos não randomizados

	Os participantes são representativos da população-alvo?	As medições são apropriadas em relação ao resultado e à intervenção (ou exposição)?	Existem dados de resultados completos?	Os fatores de confusão são considerados no projeto e na análise?	Durante o período do estudo, a intervenção é administrada (ou a exposição ocorreu) conforme pretendido?
Timpka et al., 2021	Sim	Sim	Sim	Sim	Não se aplica
Lee et al., 2020	Sim	Sim	Sim	Sim	Não se aplica

Vertommen et al., 2017	Sim	Sim	Sim	Sim	Não se aplica
Vertommen et al., 2016	sim	Sim	Sim	Sim	Não se aplica
